



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

CAMILA DE FELÍCIO SANTOS

DANÇA E PEDAGOGIA CRÍTICA:
Estudo sobre um processo criativo em dança com/por
crianças na Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Sílvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

Sa59d Santos, Camila de Felício, 1991-
Dança e pedagogia crítica : estudo sobre um processo criativo em dança com/por crianças na Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo / Camila de Felício Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Ana Maria Rodriguez Costas.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Dança. 2. Pedagogia crítica. 3. Educação somática. 4. Processo criativo. 5. Crianças. I. Costas, Ana Maria Rodriguez, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Dance and critical pedagogy: study on a creative process in dance with/by children at Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo

Palavras-chave em inglês:

Dance
Critical pedagogy
Somatic education
Creative process
Children

Titulação: Licenciada em Artes - Dança

Banca examinadora:

Ana Maria Rodriguez Costas [Orientador]
Mariana Dias Jorge

Data de entrega do trabalho definitivo: 05-12-2023



CAMILA DE FELÍCIO SANTOS

DANÇA E PEDAGOGIA CRÍTICA:
Estudo sobre um processo criativo em dança com/por
crianças na Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Dança.

CAMPINAS

2023

CAMILA DE FELÍCIO SANTOS

**DANÇA E PEDAGOGIA CRÍTICA:
Estudo sobre um processo criativo em dança com/por
crianças na Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Artes - Dança, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Maria Rodriguez Costas.

Trabalho aprovado em 27/12/2023.

Banca examinadora

Ana Maria Rodriguez Costas

Mariana Dias Jorge

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os seres vivos e não vivos que me acompanharam na minha caminhada até aqui, me apoiaram na escolha e compromisso de viver meu eu artista, um sonho sonhado na infância, que está se realizando depois de muitos percursos. Viver o sonho não tem se mostrado algo fácil, nem sempre é alegre e feliz, por isso agradeço aos que me fortalecem e inspiram nesse processo. Agradeço às pessoas que encontrei ao longo da graduação em Dança, às professoras, a todos que me fizeram sentir em casa, sentir que não estou só nesse meu desejo de investigar e trabalhar a arte do corpo. Agradeço em especial à minha orientadora nesta pesquisa, a querida professora Ana Terra, e também às colegas de TCC que estiveram comigo desde o início deste processo de pesquisa. Agradeço muito à Valéria Franco que foi fundamental nesse processo, pela sua abertura em me receber como sua estagiária nos anos anteriores, pelas partilhas, ensinamentos e disposição em me auxiliar nesta pesquisa. Por fim agradeço a toda equipe da Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo que me recebeu com acolhimento para realização da pesquisa e todas as crianças que participaram das oficinas, que me ensinaram e tornaram possível essa experiência investigativa, também agradeço aos familiares das crianças pelo apoio e permissão para que fizessem parte do processo.

RESUMO

A pesquisa se propôs a investigar abordagens sobre processo criativo em dança com crianças partindo da pedagogia crítica através de uma metodologia teórico-prática. O levantamento e análise bibliográfica do assunto, o aprofundamento do estudo sobre o método “Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito” desenvolvido pela artista e professora Valéria Franco de Almeida - através de leituras e entrevista com a artista (2023), bem como minha experiência de estágios em aulas de dança (2021 e 2022), serviram de referências para o planejamento e realização de oficinas de dança com crianças de 8 a 11 anos na Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo. A proposta das oficinas foi oportunizar o ensino da dança partindo de uma abordagem somática e pedagogia crítica, construindo um processo criativo com as crianças que resultou em uma apresentação para suas colegas na Instituição.

Palavras-chaves: Dança; Pedagogia crítica; Educação somática; Processo criativo; Crianças.

ABSTRACT

The research aims to investigate approaches to the creative process in dance with children based on critical pedagogy through a theoretical-practical methodology. The survey and bibliographical analysis of the subject, the in-depth study of the method “Corporate Dialogue: Pure Potency of the Subject Body” developed by the artist and professor Valéria Franco de Almeida - through readings and an interview with the artist (2023), as well as the researcher's experience of internships in dance classes (2021 and 2022), served as references for planning and carrying out the dance workshop with children aged 8 to 11 at Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo. The purpose of the workshops was to provide opportunities for teaching dance based on a somatic approach and critical pedagogy, building a creative process with the children that resulted in a presentation for their colleagues at the Institution.

Keywords: Dance; Critical pedagogy; Somatic education; Creative process; Children.

SUMÁRIO

OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI.....	7
1. ABORDAGEM DE UMA PEDAGOGIA CRÍTICA NO ENSINO DA DANÇA.....	9
1.1 Criança como ser produtor de culturas.....	10
2. PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM DANÇA A PARTIR DO PROTAGONISMO INFANTIL	11
2.1 Método Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito.....	12
3. EXPERIÊNCIA NA OFICINA “DANÇA E CRIAÇÃO” COM CRIANÇAS NA SOCIEDADE PRÓ-MENOR BARÃO GERALDO.....	16
3.1 Planejamento do conteúdo e estrutura da oficina.....	17
3.2 Aspectos de confluência e desafios para realização da Oficina.....	18
3.3 Percepções e aprendizados.....	19
3.4 Processo Criativo.....	23
3.5 Lapidando a criação final.....	26
3.6 Apresentação.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALÉRIA FRANCO DE ALMEIDA.....	35

OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

Minha trajetória na dança começou aos 11 anos quando me matricularam em aulas de balé clássico em uma cidade no interior de Goiás. Eu morava em zona rural há cerca de uma hora de onde fazia aulas, aproveitava a carona do meu pai duas vezes por semana que ia naquela cidade passar as tardes à trabalho. Aos 13 anos minha professora disse que se eu quisesse avançar para o uso de sapatilhas de ponta deveria frequentar aulas quatro vezes por semana e ofereceu moradia para mim. Pois assim, com permissão e apoio dos meus pais, saí de casa pela primeira vez para seguir uma paixão.

Já com 16 anos me mudei para uma cidade menor com minha família, lá não havia possibilidade de continuar meus estudos no balé e em uma academia me perguntaram se eu mesma não gostaria de dar aulas. Então esse foi meu primeiro emprego. Tinha alunas dos 3 aos 15 anos, percebo hoje que ensinava de uma forma um tanto rígida e autoritária, conforme tinha aprendido nos 5 anos anteriores, achava que era a melhor ou até a única possibilidade para ensinar dança.

Naquele ano junto com as alunas e apoio de seus pais fizemos o primeiro Espetáculo de Balé da cidade. Eu desenhei os figurinos, elaborei os cenários, escolhi as músicas, fiz coreografias para cada turma e ensaiamos muito. Não havia teatro e como local para apresentação conseguimos o Salão do Júri no Fórum da Cidade. Eu não sabia que era capaz de tanto, mas aconteceu, acho que estava reproduzindo o que vivenciei nos anos anteriores de aulas de balé e espetáculos de final de ano, só que desta vez conduzindo o processo.

Depois dessa experiência eu parei de dar aulas e fui me preparar para o vestibular. Não considerava a ideia de estudar dança na graduação, não tinha ninguém como referência que vivia desta arte. Entrei no curso de Direito, me formei e trabalhei por cinco anos na área. Minha última experiência jurídica foi como servidora do Ministério Público na Promotoria da Infância e Juventude. Entrei em contato com muitos casos de crianças em situação de risco e vulnerabilidade social. Ser puxada para esta realidade me despertou a vontade de voltar a trabalhar dando aulas de dança para crianças, mas desta vez com mais preparo e maturidade.

Todo este percurso me levou para o curso de bacharelado e licenciatura em artes/dança na Unicamp. Já entrei com a vontade de aprender sobre o ensino de dança voltado para crianças. Realizei um ano de estágio, em 2021, com a professora Valéria Franco de Almeida no Tugudum e aprendi muito sobre o método desenvolvido por ela, que preza por fortalecer autonomia e protagonismo dos alunos. Em 2022 voltei a estagiar no Tugudum no segundo semestre e acompanhei a criação de um espetáculo de dança conduzido pela professora que partia do protagonismo das crianças.

Assim cheguei no tema desta pesquisa com a intenção de investigar abordagens de processo criativo em dança com crianças partindo da pedagogia crítica através de teoria e também da prática. Escolhi propor a oficina “Dança e Criação” para crianças de 8 a 11 anos em uma Instituição que atende crianças em situação de vulnerabilidade social, seguindo o meu desejo de focar meu trabalho para este público.

Organizei a escrita da seguinte forma: No primeiro tópico realizo um levantamento e análise bibliográfica do assunto, no segundo foco no estudo sobre casos práticos de criação em dança com crianças a partir do protagonismo infantil e me aprofundo no método “Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito” desenvolvido por Valéria Franco de Almeida - através de leituras, entrevista com a artista (2023) e da minha experiência nos estágios realizados com ela em 2021 e 2022. No terceiro tópico discorro sobre a experiência da oficina de dança com crianças que realizei na Sociedade Pró Menor Barão Geraldo, como se deu o processo criativo e a apresentação, concluindo com uma análise sobre os principais aprendizados dessa experiência.

1. ABORDAGEM DE UMA PEDAGOGIA CRÍTICA NO ENSINO DA DANÇA

Partindo dos princípios da pedagogia crítica, que tem o educador e filósofo Paulo Freire como uma de suas maiores referências, esta pesquisa buscou investigar teorias e propostas de ensino e criação em dança que tivessem como objetivo ampliar a visão de mundo das crianças prezando pelo seu protagonismo no ensino e aprendizagem.

Segundo Freire (1987, p.36) a prática libertadora do ensino ocorre em espaços cuja relação educador-educando se estabelece de modo não hierárquico, a partir da escuta e ensino-aprendizagem mútuos. O professor neste caso deve agir como impulsionador de reflexões nos alunos, fortalecendo sua autonomia para que haja expansão do estado de consciência de como a pessoa se entende no mundo e como entende o mundo.

Ao refletir sobre possíveis contribuições da pedagogia crítica para se pensar o ensino da dança Raquel Pires Cavalcanti (2018, p. 1387) destaca que são conceitos-chaves a conscientização, autonomia e diálogo, privilegiando abordagens onde o aluno é o principal agente no processo de aprendizado, onde a experiência pessoal é valorizada e onde a reflexão crítica sobre suas experiências em relação ao mundo em que vive ocorre de forma marcante.

Se observarmos a própria definição de ensino, que segundo Freire (1996) não passa pela “transferência de conhecimento” e sim, por um processo que envolve o alargamento da consciência, da compreensão, assim como a construção e a interpretação de mundo, podemos utilizar destas ideias na construção de atitudes fundamentais para a reflexão sobre o ensino de dança como processo educativo, pertencente ao campo da Arte (FREIRE, 1996). (CAVALCANTI, 2018, p.1388)

A professora e pesquisadora Isabel Marques (2019, p.29-30) destaca que “para impregnarmos de sentido cada ato cotidiano, precisamos educar leitores de mundo, precisamos enfatizar nos processos de educação a importância da leitura ampla, crítica e multifacetada do mundo”. Como reflexão sobre o assunto apresenta algumas formas de ensinar dança que a seu ver não trabalham a relação “dançar-mundo”, como uma aula que foque apenas em decorar sequências, copiar passos, dançar coreografias para apresentação ou uma aula que se restringe nas

sensações do corpo e alongamento, a menos que trabalhe a relação com respiração, caminho ósseos e musculares.

Miller e Laszlo (2016, p.157) ao discorrer sobre suas experiências em dar aulas de dança contemporânea para crianças e adolescentes também enfatizam pontos importantes para despertar nos alunos uma consciência crítica. A técnica deve ser compreendida como experiência, como investigação para disponibilizar o corpo que se contamina com as informações que o atravessam. O professor deve agir como “um provocador de pesquisa e criação, prezando pelo processo de experiência e aprendizado de cada aluno, e provocando também a si, estando ele próprio em processo didático e criativo com os alunos.”

1.1 Criança como ser produtor de culturas

Este estudo também traz como referencial a visão da criança como ser completo, que embora passe por períodos de desenvolvimento cognitivo, continua sendo íntegra em cada momento e capaz de produzir culturas. Manuel Jacinto Sarmiento (2003, p.2) faz uma crítica às perspectivas psicológicas tradicionais que concebem o imaginário infantil como a expressão de um déficit, como uma necessidade da criança de imaginar o mundo porque carece de um pensamento objetivo ou porque está imperfeitamente formada sua capacidade de raciocínio com a realidade.

Sarmiento (2003, p.3 e 4) traz o conceito de culturas da infância pelo qual “entende-se a capacidade das crianças em construírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação”. Afirma que é sobre falar de diferença e não de déficit quando comparamos o imaginário infantil em relação ao dos adultos.

Assim, defende que as culturas da infância carregam as marcas do tempo, exprimindo a sociedade nas suas contradições, extratos e complexidade. Considerar as gramáticas das culturas da infância permite analisar os jogos e brincadeiras infantis como um processo ativo de interpretação, compreensão e intervenção na realidade social, sendo portanto o imaginário infantil um fator de conhecimento e não uma incapacidade ou sinal de imaturidade. (Sarmiento, 2003, p.16)

2. PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM DANÇA A PARTIR DO PROTAGONISMO INFANTIL

Essa pesquisa ao propor a investigação de um processo criativo em dança com crianças entende primordial a abordagem da dança como linguagem artística. "(...) entender a dança como linguagem é pensar que ela propõe uma forma de ler os atos da dança – as danças dançadas, concretas – e suas interfaces com o mundo". (MARQUES, 2010, p.32)

Carolina Romano de Andrade e Fernanda Souza de Almeida (2016, p.13) a partir de suas experiências práticas com crianças pequenas e pesquisas acadêmicas discorrem sobre formas de propor uma criação em dança com crianças para além do senso comum (como criação de coreografias que sejam apenas reproduzidas) destacando a importância de um processo lúdico, que seja potente para "o encontro entre corpo, movimento, criatividade, expressão e as múltiplas linguagens".

O professor é como um interlocutor que deve aceitar o convite de mergulhar no universo infantil para compreendê-lo e proporcionar vivências que levem as crianças a exercitarem sua imaginação e ressignificarem o mundo por meio do corpo, em um espaço de interação, protagonismo, investigação e construção de conhecimentos sobre si e sobre o ambiente que as rodeiam. (ALMEIDA; ANDRADE, 2016, p. 27)

Miller e Laszlo trabalham com o ensino da dança através da Técnica Klaus Vianna em uma abordagem em que não há separação entre técnica e criação no processo pedagógico. No final do ano ocorrem aulas abertas, nas quais os pais assistem às propostas vivenciadas por seus filhos. As apresentações surgem das propostas lúdicas em sala que geram improvisação com aspectos cênicos e também da interação professor-aluno e aluno-alunos, pois é perguntado às crianças quais propostas querem compartilhar com famílias e amigos. Nesse sentido é priorizada a autonomia e apropriação da dança pelas crianças facilitando o reconhecimento dos tópicos trabalhados em sala e levados para cena. (MILLER; LAZLO, 2016, p.158)

A dança é uma arte do espetáculo; faz parte do seu campo de conhecimento a relação com o público num constante fluxo de afetos. O

processo de partilha é parte formativa da experiência do aluno, sendo assim, a dança pode emergir da singularidade de cada um desses alunos, em pesquisa e criação, em sala e em cena. (MILLER; LAZLO, 2016, p. 166)

Entendendo a dança como linguagem e arte do espetáculo, sendo que o processo de partilha - apresentação - faz parte do processo pedagógico, o planejamento e execução das oficinas ministradas neste estudo teve por base a bibliografia de referências pesquisadas e principalmente o método de ensino “Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito”.

Durante um ano e meio vivenciei o método nos estágios realizados com Valéria Franco de Almeida no Espaço Tugudum, durante minha graduação em dança na Unicamp. Neste período aprendi muito com a professora sobre como estar com as crianças em sala de aula, buscar ensinar de um modo mais horizontal e menos impositivo, tentar reconhecer as necessidades que as crianças trazem para a aula e procurar meios de como ensinar o conteúdo planejado que correspondam às necessidades que as crianças estão apresentando no momento.

Me interessei muito pelo método por propor a possibilidade de partir do ensino e criação em dança através do protagonismo e infantil, assunto que será aprofundado no próximo tópico.

2.1 Método Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito¹

O método “Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito” desenvolvido por Valéria Franco de Almeida (Espaço Tugudum, Campinas-SP), que carrega princípios da Pedagogia Crítica, considera o ser em sua integralidade como pura potência e parte de um ensino de dança relacionado com a experimentação do corpo, desenvolvimento de autonomia e percepção de si, dos outros e do entorno.

¹ A fim de discorrer sobre o referido método foram utilizados: a experiência da pesquisadora nos estágios das aulas de dança para crianças no Espaço Tugudum com Valéria Franco de Almeida em 2021 e 2022; texto escrito por Valéria Franco de Almeida (2018) e entrevista com ela realizada pela pesquisadora em 2023 com o propósito de servir de material complementar base para esta pesquisa. A entrevista foi estruturada com foco na experiência em sala de aula da professora com crianças, sobretudo nos processos criativos e ocorreu no Espaço Tugudum. A análise da entrevista foi feita coletando as principais informações que serviram de base para o planejamento das oficinas propostas nessa pesquisa e contribuíram na escrita deste artigo. A transcrição da entrevista está em anexo nesta monografia.

“Diálogo Corpóreo porque é o corpo com ele mesmo, ele com o mundo, diálogo com o professor, com os amigos, com o ambiente, mas primeiro um diálogo interno, de auto experimentação e autoexploração” (ALMEIDA, 2023, p.3). O trabalho técnico é realizado por meio de brincadeiras, posturas (que mesclam cantigas populares e dança) e jogos de improvisação em dança e teatro a fim de que o aluno tenha a experiência de construir um corpo para poder fazer a sua dança.

A experimentação livre da movimentação partindo de alguns direcionamentos impulsiona o desenvolvimento dos padrões de movimentos nos corpos das crianças. Para isso são trabalhados conceitos como: noções de níveis; conexões corporais; sequenciamento; rolamentos; balanços; introdução à espirais; princípios de queda e recuperação - peso; variações de ritmos e tónus do movimento; sonoridade e musicalidade. O objetivo é auxiliar na organização corporal, desenvolvendo força, flexibilidade, equilíbrio, resistência, o que também desenvolve a propriocepção e capacidades cognitivas.

O trabalho envolve educação somática, improvisação como experimento e construção de uma linguagem de dança pessoal, atrelado ao trabalho técnico de dança contemporânea com foco na utilização de nuances variadas de dinâmicas de movimento e nas espirais desenhadas pelo corpo no espaço. O método propõe que o indivíduo encontre sua dança interior expressiva e crie um caminho para a técnica. O método desenvolvido foi baseado nas experiências pedagógicas, como também nas pesquisas de construção dos espetáculos. (ALMEIDA, 2018, p.152)

A prática pedagógica é pautada na escuta e acolhimento dos alunos, suas necessidades e interesses, estabelecendo com eles um diálogo não-hierárquico com via de mão dupla entre ensino e aprendizagem e construção conjunto deste processo. A forma não é muito importante, mas sim a dinâmica como é feito o movimento, descobrir dinâmicas e tempos é o foco, a forma aparece como um resultado desse processo.

(...) quando falamos vamos fazer o sapo e cada um faz o seu sapo, a criança já está sendo protagonista do seu aprendizado, eu não chego e mostro como tem que ser feito, mas instigo o corpo dela a fazer e como o corpo dela consegue fazer o meu sapo também. Ela pode experimentar o dela, o do amigo, e vai construindo esse conhecimento, esse caminho. Isso é uma parte. Outra parte é quando as crianças chegam e dão uma ideia de brincadeira então trago perguntas para o grupo, para conseguirmos fazer uma brincadeira como querem, mas com adaptação para a dança. (ALMEIDA, 2023, p.4)

Momentos para o reconhecimento das crianças dos conteúdos abordados também são importantes durante as aulas, incentivando o raciocínio sobre o corpo para despertar o senso crítico sobre si mesmo. Outro ponto fundamental é a brincadeira porque a criança se coloca em uma postura séria e de experimentação.

As brincadeiras, jogos e propostas de improvisação são construídas pensando em como se poderia passar o conteúdo através delas. A partir das brincadeiras Almeida percebeu que poderia direcionar as ideias que surgiam das crianças para processos criativos.

Criar um espetáculo parte do brincar, com temas, com coisas, com objetos, o brincar é investigar o mundo, para descobrir o mundo. Hoje vejo uma conexão muito grande entre o brincar da criança e o brincar na criação de espetáculos. O brincar entra como ferramenta criativa e fui entendendo que vai muito além da esfera de facilitar o diálogo com as crianças. (ALMEIDA, 2023, p.3)

No segundo semestre de 2022, durante o estágio no Tugudum, eu acompanhei um processo criativo conduzido pela professora Valéria Franco de Almeida com crianças de 9 a 12 anos e foi a primeira vez que ela realizou um espetáculo inteiro com uma mesma turma.

(...) ano passado quis dar foco mesmo para que as crianças realmente fossem protagonistas do espetáculo. Porque eu nunca tinha montado um espetáculo inteiro, antes eram coreografias curtinhas. (...) Ano passado eu senti que a turma estava preparada para criar um espetáculo, porque já estavam comigo há 4 anos e eles quiseram isso, construir um espetáculo com começo, meio e fim partindo das ideias deles. (ALMEIDA, 2023, p.3)

Para construir a apresentação a turma foi trazendo ideias e a maioria delas eram brincadeiras ou jogos, então ficou combinado que este seria o tema e a partir das brincadeiras criaram-se as cenas. Como já tinham vivenciado outras apresentações de dança, possuíam familiaridade em estar em cena. Como o espaço tem a possibilidade de trabalhar com iluminação, sempre que possível ensaiavam com as luzes, o que facilitou a escolha das luzes e figurino. As crianças decidiram cada elemento do espetáculo através do direcionamento e conversas com a professora.

As apresentações ocorreram no final do curso no mesmo local que ocorreram as aulas no Espaço Tugudum, o que facilitou a familiaridade com o espaço cênico e diminuiu a ansiedade das crianças. Foram gravadas e depois assistidas pelos artistas que manifestaram ideias de como poderiam trabalhar para desenvolver mais alguns aspectos. “O apresentar alimenta o processo criativo e as aulas.” (ALMEIDA, 2023, p.5)

3. EXPERIÊNCIA NA OFICINA “DANÇA E CRIAÇÃO” COM CRIANÇAS NA SOCIEDADE PRÓ-MENOR BARÃO GERALDO²

A Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo foi escolhida para ser o local de realização da oficina “Dança e Criação” proposta neste estudo por trabalhar com o público alvo com o qual eu tinha desejo de me direcionar - crianças de 8 a 12 anos em situação de vulnerabilidade social, por estar localizada próxima de onde vivo e por ter acolhido de forma afetuosa a proposta das oficinas.

A instituição situa-se no distrito de Barão Geraldo, cidade de Campinas-SP, começou suas atividades como creche em 1981 e depois de alguns anos passou a atender crianças e adolescentes com o objetivo de retirá-los das ruas de Barão Geraldo após o período escolar, oferecendo um espaço seguro com atividades esportivas, lúdicas e recreativas.³

Atualmente oferece oficinas socioeducativas e outras atividades no contraturno escolar para crianças e adolescentes, na faixa etária entre 6 e 14 anos. No período da manhã atende no horário das 8h às 12h e no período da tarde das 13h às 17h, havendo cerca de 45 atendidos por período. As turmas são divididas por idade: 6 a 8 anos, 9 a 10 anos e acima de 11 anos.

No quadro de funcionários conta com 10 contratados CLT (1 Coordenador Geral, 1 Auxiliar Administrativo, 1 Assistente Social, 1 Psicóloga, 1 Cozinheira, 1 Auxiliar de Cozinha, 1 Auxiliar de Limpeza e 3 educadores) e 3 oficineiros (Hip Hop, Lego com Robótica e Musicalidade). Possui espaços para brinquedoteca, biblioteca, informática, atividades esportivas e artísticas, também oferece banho e alimentação.⁴

As aulas inicialmente ocorreram com frequência semanal, na quinta-feira, das 12h às 13h, depois passaram a ser duas vezes por semana, de terça e quinta, durante onze semanas, nas quais duas delas não houve encontro, por motivo de

² Esta pesquisa por se tratar do envolvimento com seres humanos passou pela devida aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa da Unicamp sob número de processo 69498523.5.0000.8142.

³ Informações retiradas do site <<https://promenorbaraogeraldo.org.br/sobre/>>. Acesso em 08 nov 2023.

⁴ Informações obtidas em conversa via WhatsApp com Gilberto da Silva, Coordenador da Sociedade Pró Menor Barão Geraldo, em novembro de 2023.

feriado e porque adoeci. No total foram realizados 12 encontros, sendo que um deles houve ensaio geral das crianças para uma apresentação que fariam na instituição referente a outras oficinas, sendo assim foi possível realizar 11 aulas. Em média houve a participação de 10 crianças ao longo dos encontros, havendo meninas e meninos e na apresentação final participaram 8, sendo todas meninas.

3.1 Planejamento do conteúdo e estrutura da oficina

O planejamento da oficina teve apoio na experiência da pesquisadora nos estágios realizados durante a graduação em dança, na bibliografia estudada sobre o tema e na entrevista realizada com a professora e artista Valéria Franco de Almeida.

A intenção foi a realização com as crianças de trabalho corporal para desenvolver maior autonomia, interação, protagonismo e criatividade, aprimorando sua organização corporal, repertório de movimentos, compreensão de si, do coletivo e do espaço que se inserem, sendo a criação em dança um resultado deste processo, guiado pelo protagonismo das crianças.

Inicialmente a proposta era a realização de 12 aulas com a duração de 1 hora cada, abordando os conteúdos: noções de anatomia do corpo, níveis e direções do movimento; conexões corporais; rolamentos; balanços; introdução à espirais; princípios de queda e recuperação - peso; variações de ritmos e tônus do movimento.

O processo criativo assim como o trabalho técnico foi planejado para iniciar individualmente e passar a ser coletivo, tendo como dispositivo o que querem criar a partir do contexto e território onde estão, para isso seriam encorajadas a pesquisarem sobre suas origens, ancestralidade e sobre a localidade onde vivem.

Como método utilizou-se como referência o “Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito”, fazendo uso de exercícios de sensibilização corporal para adquirir maior consciência do corpo, sensações e movimentos, também experimentações com jogos e brincadeiras.

Como estrutura da aula foi planejado as seguintes etapas: acolhimento - momento de reunião do grupo, da lista de presença e conversa sobre como estão; exercícios de sensibilização, alongamento e força - explorando posturas e

brincadeiras; aquecimento, técnica e criação - exercícios de improvisação, jogos de dança, composições (tendo como dispositivo conceitos trabalhados na aula), seguido por momento de compartilharem com os colegas as pesquisas de movimento mais interessantes; relaxamento - trabalhando estado mais silencioso e exercícios de respiração; registro - roda de conversa final sobre a experiência da aula e registro das crianças por meio da fala, da escrita, ou desenhos.

Esta era a proposta inicial, porém fui para a prática da oficina pensando que a construção do ensino se dá em conjunto com os alunos e muita coisa poderia ser mudada de acordo com as necessidades da turma, pois os objetivos primordiais eram ensinar dança a partir do viés somático em que o movimento não é meramente reproduzido, mas investigado em cada corpo e fazer das crianças protagonistas do ensino e aprendizagem e co-criadoras da criação final.

3.2 Aspectos de confluência e desafios para realização da oficina

A Instituição foi acolhedora com a proposta; os educadores selecionaram as crianças interessadas e ajudavam a reuni-las em cada encontro, disponibilizavam a caixa de som e auxiliavam na resolução de eventuais problemas com o espaço. A coordenação também se mostrou solícita e manteve a comunicação comigo sempre que necessário. Além disso, notei que as crianças possuíam familiaridade com exercícios corporais e criativos, com trabalho em grupo e estavam interessadas, o que facilitou o desenvolvimento da proposta.

Como grande desafio desde o princípio me preocupava o horário. Era o único momento em que as crianças estavam sem atividades: as que frequentavam o turno da manhã tinham acabado de almoçar e ficavam no pátio esperando a condução buscar para as levarem para a escola e as crianças da tarde (as participantes da oficina) chegavam na instituição, após o turno escolar e ficavam no pátio esperando o almoço que ocorria às 13 horas.

O horário me parecia difícil pois as crianças do turno da tarde chegavam cansadas da escola e com fome, também por ser o tempo livre que tinham para interagirem, brincarem, e sei que é fundamental haver momentos assim. A fim de contornar esse desafio deixei bem nítido desde o primeiro encontro que elas eram

convidadas a participar, que a participação não era obrigatória, e tentei dar um tom descontraído para nossas aulas.

Além do horário me deparei com o desafio do espaço, pois a sala apesar de ser a maior disponível não era tão grande para abarcar mais de dez crianças, por isso tentei manter esse como número limite de participantes. Também a sala era vulnerável a interrupções; ficava no segundo andar, logo após subir as escadas, possuía mesas e cadeiras infantis e gaveteiros e se comunicava com a sala da biblioteca de um lado e de outro com a de artes e com o banheiro.

A vantagem era que nesse horário toda a parte de cima estava disponível só para a oficina e me deixaram à vontade para usar a sala de artes e a biblioteca, que tinha computador e televisor disponíveis para usar quando quisesse. A desvantagem era que as crianças que não estavam na oficina ficavam diversas vezes abrindo a porta da escada, subindo e interrompendo a concentração da atividade que estávamos fazendo. Com isso as crianças na aula ficavam muito ansiosas e curiosas quando escutavam algum barulho vindo da porta ou da escada e iam ver quem era. Muitas vezes desciam e voltavam, chegavam a sair para o pátio, ficavam transitando entre os ambientes.

Enfim, ao longo dos encontros fui aprendendo a lidar com os desafios e as interrupções foram diminuindo, conforme as outras crianças que ficavam curiosas para ver, se acostumaram com minha presença no espaço e com o fato de que estava acontecendo uma oficina de dança e por isso precisávamos de privacidade.

3.3 Percepções e aprendizados

Durante as oficinas percebi que gostavam e se envolviam muito ao desenhar, algumas vezes comecei ou finalizei a aula fazendo perguntas e pedindo registro em desenho das respostas. Também notei que gostavam de deitar no chão e experimentar a movimentação no nível baixo e que ficavam muito juntas, amontoadas, busquei trabalhar a distribuição e ocupação espacial entre elas e a manutenção do espaço pessoal de cada uma.

Apesar da facilidade e gosto por trabalharem em duplas, trios e grupos maiores, havia dificuldade de respeitar o espaço e corpo da(o) colega. Houveram

alguns pequenos acidentes de se chocarem em exercícios e atitudes deliberadas de uma pisar ou morder a outra durante as aulas. Nesses momentos eu procurava enfatizar ainda mais sobre a necessidade de termos autonomia e cuidar do nosso corpo, do nosso espaço e também respeito e cuidado com o corpo do outro e espaço pessoal.

Yuri Nascimento Meira Rosa (2022, p. 10) ao contar sobre sua experiência de estágio em aulas de dança para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade percebeu que uma turma assimilava mais rapidamente o conteúdo que a outra, por conta da idade – sendo uma turma com faixa etária de 8 a 10 anos, e a outra de 11 a 14. Notou que "com os menores há muito mais interesse pelo novo, aprender e vivenciar coisas novas, mas a assimilação leva um tempo maior e a atenção se dissipa muito facilmente."

Do mesmo modo percebi na turma, que era composta por crianças de 8 a 11 anos, uma abertura para conteúdos e referências novas que trazia, porém grande facilidade de dispersão da concentração. Quando escutavam barulhos na porta ou escada queriam ir ver, muitas vezes saíam e voltavam para a aula, começavam a fazer o exercício e logo faziam outra coisa e quando algum colega chegava depois, também sentia uma quebra na sintonia do grupo.

Almeida (2023, p.6) em entrevista falou sobre a importância de perceber as necessidades das crianças, como elas estão, para poder adaptar a aula. Também destacou a necessidade de saber lidar com o caos para o fluxo da aula. "Existe também o caos, o caos você tem que aprender administrar e deixar que ele aconteça por um momento é importante, não temos que ignorar, mas tem que saber mediar, tem que estar aberto e disposto para isso."

Quando percebia as crianças muito eufóricas na chegada, querendo logo se mover, falar e gritar, começava com algumas brincadeiras de interação como a dança da estátua, para depois passarmos para nossa roda de conversa inicial e exercícios de sensibilização e escuta. Mas também, em algumas aulas cheguei com uma proposta de começar com jogos de ritmo e agilidade e as crianças antes de começarem, deitaram no chão, então mudei a proposta para um início com exercícios de relaxamento e sensibilidade.

Além da importância de perceber as necessidades das crianças e saber administrar o caos, Almeida ao ser questionada sobre o que acha importante como preparativo para construção de um processo criativo em dança, destacou a construção de um ambiente seguro.

Acho que é muito importante criar um ambiente seguro para elas poderem se expressar e experimentar. Você tem que criar um vínculo afetivo com as crianças e mostrar que é um ambiente seguro, onde elas não vão ser criticadas, onde tem respeito entre as crianças, e leva um tempo para você conseguir esse lugar e é a partir disso que acho ser possível fazer um processo criativo. (ALMEIDA, 2023, p. 3)

Ao longo das oficinas fomos construindo um ambiente de afinidade entre todos que estavam presentes. Nos primeiros encontros foi mais difícil criar um ritmo para as atividades propostas, mas conforme as crianças foram se familiarizando com as etapas das aulas e a linguagem que eu usava, criamos um fluxo.

Nas primeiras aulas eu chegava na Instituição, buscava a caixa de som caso não estivesse na sala, afastava as mesas e cadeiras para as laterais do ambiente, preparando o local e por fim descia para chamar as crianças. Conforme fomos criando mais familiaridade assim que eu chegava as crianças que já estavam no pátio vinham até mim e me ajudavam a pegar a caixa de som, subiam comigo para sala, ajudavam a preparar o espaço e a chamar quem estava faltando.

Houve muita dificuldade em realizar os círculos de partilha no início e final de cada aula e conseguir momento de silêncio e escuta, mas as crianças foram se acostumando com o "ritual" da aula: chegar na sala, tirar os calçados e colocá-los debaixo de uma mesa, em cima colocar as garrafas de água e logo fazer o círculo inicial. Também com o processo contínuo foi sendo mais fácil conseguir chegar até o final e fazer o círculo de encerramento.

Outro ponto de dificuldade foi conquistar a atenção e silêncio das crianças no momento das apresentações/partilhas das investigações de movimento das(os) colegas. Então fomos criando este hábito de sentar e silenciar para assistir as apresentações. Creio que conseguir sentar em círculo e silenciar para ter atenção no que o outro apresenta ou fala foram avanços ocorridos pela construção de um "ambiente seguro" (ALMEIDA, 2023, p.3) de atividades em que elas eram convidadas a se expressar, brincar, refletir e opinar sobre o que estávamos fazendo.

Depois de mais da metade das aulas pensei em estabelecer um limite para evitar que as crianças ficassem muito dispersas descendo as escadas para ver o que se passava no andar de baixo, então propus de colocar mesas para fechar a passagem até a escada. Com esta ação tive uma conversa explicando que precisávamos nos concentrar no momento do encontro nas atividades que estavam sendo propostas ali, que elas poderiam escolher ficar lá embaixo fazendo outras atividades ou estar conosco no encontro e disse que na minha visão ficar indo e voltando acabava atrapalhando a concentração da turma toda e perguntei o que achavam. A maioria concordou e disseram que era para parar com o costume de ficar descendo e, que quem descesse não poderia estar na aula.

Então fiz um "combinado"⁵ com elas de que as mesas estariam entre a sala e a passagem para as escadas para evitar que ficassem descendo e só por uma justificativa muito sincera que poderiam descer. Isso não acabou com as indas e vindas, mas diminuiu o fluxo e a própria turma se auto regulava nessa vigilância para ver quem ia e voltava e se estavam participando ou não da aula.

Outro combinado foi em relação ao pedido que sempre faziam para eu colocar no Youtube a playlist "Dance se souber - versão sem palavrão", que é um áudio com trechos de várias músicas com coreografias do Tik Tok. A brincadeira que gostavam de fazer era dançar as coreografias que sabiam e às vezes faziam isso em formato de batalha, pela vivência com o Hip Hop que tinham na instituição. Então combinamos que esta brincadeira aconteceria sempre após nosso círculo de partilha final. Encontrei assim uma forma de captar a atenção delas até o fim do encontro.

Nas últimas três semanas mudei a frequência das aulas para duas vezes por semana e percebi que isso aumentou o senso de grupo e a vontade das crianças em estarem nas atividades. Elas lembravam com maior nitidez o que havíamos trabalhado no encontro anterior e traziam comentários e propostas sobre o assunto.

⁵ Algo que Almeida falava com frequência para as estagiárias no período que acompanhei suas aulas é sobre a importância de realizar combinados com as crianças, desta forma levando em conta as opiniões delas a professora demonstra respeito e acaba também sendo respeitada.

3.4 Processo Criativo

No decorrer dos encontros resolvi estruturar o plano de aulas por temas ou objetivos que gostaria de trabalhar em cada aula e sempre no início conversávamos sobre a proposta e escutava das crianças o que achavam e se tinham algo para acrescentar. Antes do início da oficina tinha uma ideia do que trabalhar em cada encontro, porém isso foi alterado, porque preparava cada aula após a última dada levando em consideração o processo das crianças.

Em resumos as 11 aulas seguiram o seguinte planejamento: Aula 1 - Conhecer o grupo; Aula 2 - Partes do Corpo; Aula 3: Ritmos; Aula 4 - Espaço e ações (Níveis, direções); Aula 5 - Reconhecer outros corpos; Aula 6 - Conexão em duplas; Aula 7 - ideias iniciais para a criação final; Aula 8 - Votação para tema da criação final; Aula 9 - Pesquisa sobre diferentes formas de girar; Aula 10 - Proposta e ensaio da criação final; Aula 11 - ensaio, apresentação e conversa sobre a apresentação.

Outro ponto que Almeida (2023, p.6) destacou na entrevista realizada é a importância de "olhar para cada criança dentro do contexto dela, mesmo para saber quais referências trazer e como lidar com o interesse delas."

Ao longo das aulas no momento da conversa inicial ou da partilha final fiz algumas perguntas para conhecer mais as crianças, criar maior conexão de grupo e entender por onde passam seus desejos criativos. Fui surpreendida por algumas respostas que me fizeram refletir o quanto o capitalismo, com o incentivo ao consumismo, afeta o imaginário infantil, talvez também porque eram crianças que não dispunham de muito poder aquisitivo. Quando trouxe a pergunta sobre "o que mais gostam de fazer" ou "o que te deixa feliz" tive respostas como "ir ao shopping" e "mexer no celular". Ao perguntar "o que gostariam de criar no mundo" a maioria das respostas foram sobre lojas - lojas de chinelo, lojas de bola de futebol, loja de doces, loja de Barbie, McDonalds e loja de carros.

Então em outra aula troquei a pergunta sobre "o que gostariam de criar no mundo" para "qual tipo de mundo elas gostariam de criar se pudessem criar outra dimensão" e duas delas responderam juntas que queriam ter muito dinheiro para comprar tudo que quisessem, então frisei que era um mundo delas, perguntei se

realmente queriam comprar coisas sendo que poderiam imaginar tudo e me responderam que criariam um shopping com todas as coisas livres.

Sabemos quanto a cultura da infância, na contemporaneidade, se relaciona com uma mídia perversa, com imagens, músicas e "dancinhas" que ditam percepções de formadores de corpo, de corpo colonizado. Que ditam percepções de formadores de corpo e de sensibilidades. Agir nas anti estruturas é atuar nas brechas de estruturas normativas para que assim aconteçam novos movimentos, buscando as experiências e as percepções. (PRADO, 2019, p. 10)

Nestas aulas sobre desejos criativos e gostos, propus brincadeiras que investigassem movimentos diferentes que gostavam de dançar e que pudessem criar algo novo a partir deles. Percebi grande interesse delas em explorar movimentos no nível baixo, rolamentos, giros e dança em círculo - ciranda.

Em outros encontros passei por perguntas sobre suas origens, onde nasceram, com quem moram e onde moram. Descobri que três crianças eram de outros países, duas do Haiti e uma da Venezuela e todas elas moravam em bairros próximos da instituição com familiares. Nesta conversa sobre nossas origens as crianças começaram a interagir mais entre elas e percebi que compartilharam aspectos de suas vidas que não tinham abordado com as(os) colegas antes. Quando perguntei porque elas achavam que eu tinha feito esta pergunta responderam que era para nos conhecermos melhor.

Depois de alguns encontros retomei a pergunta sobre o que mais gostam de fazer, o que as deixavam mais felizes e ao invés de falar pedi para que registrassem por desenhos ou palavras em um papel. O resultado foi diferente da primeira vez que perguntei e pedi que falassem. Percebi que ao verbalizar acontecia uma interferência de uma criança lançar uma ideia que agradasse as demais e começavam de algum modo a copiar as ideias. Ao registrar em desenhos e escritos elas ficaram bem concentradas nas atividades e surgiram respostas diversas, mas com uma característica semelhante, pois eram relativas a atividades do cotidiano, como um dia de sol e sorvete, um dia de muitas atividades legais, se olhar no espelho, ir no shopping, ir no parque de diversões, não ir para escola, poder mexer no celular e poder sair para fofocar.

Durante as aulas ficava bem atenta nas referências que traziam, além da brincadeira "Dance se souber" trouxeram referências de músicas como "Uni, duni, tê" do Trem da Alegria, "Nós dançamos iguais" do Mr. Galiza e passos do Hip Hop. Conseguimos ao longo das 6 primeiras aulas trabalhar noções de anatomia investigando movimentos partindo de diferentes partes do corpo, noções de níveis e direções, variações de ritmos, investigar diferentes rolamentos e ações, principalmente girar e saltar, também trabalhamos conexão em duplas e grupos.

Para as criações em dança, as próprias crianças podem ser responsáveis pela escolha dos temas, discutidos em conjunto com os professores. O importante é que haja participação ativa na elaboração do enredo, do movimento, da encenação e dos figurinos. Nesse sentido, o professor pode, por exemplo, favorecer e ampliar o conhecimento e concepção das movimentações por meio de exercícios, jogos e vivências (ANDRADE, 2016, APUD ALMEIDA; ANDRADE, 2016, p. 18)

No sétimo encontro quando nos voltamos para encontrar ideias para criação final as crianças disseram que o que mais gostaram de trabalhar nas aulas foram os exercícios dos rolamentos. Batizaram o rolamento no chão de "rola salsicha" e a cambalhota para trás de "rola costas". Então no oitavo encontro trabalhei mais rolamentos enfatizando a conexão centro-extremidade e cabeça-cóccix. Levei para elas votarem duas propostas de tema para apresentação que elaborei partindo dos referenciais das aulas: formas de deslocamento e parque de diversões.

A proposta de formas de deslocamentos surgiu ao notar a necessidade delas em estar frequentemente em deslocamento pelo espaço, em relação com janelas, paredes, escadas, e fazendo movimentos invertidos, rolando, pulando, gritando. Poderíamos investigar novas formas de se deslocar, também com sonoridades diversas.

Ao lermos criticamente a dança, traçando múltiplas relações entre ela e nossas existências sociopolítico-culturais, podemos impregnar de sentidos os campos de significação da dança: criaremos outras possibilidades de a dança-arte contribuir significativamente para (com)vivermos em sociedade de formas que não seja as já conhecidas; poderemos viver outras possibilidades de existirmos que não sejam mediadas pela violência, pela falta de ética, pela miséria, pela depressão, pela injustiça pela malandragem, pela corrupção e pela destruição do meio ambiente. (MARQUES, 2010, p 39)

A proposta "Parque de Diversões" surgiu pois fiquei com a impressão deles terem gostado muito do rolamento por ser uma forma de explorar o chão e também pela sensação do corpo. Uma das crianças trouxe como resposta para "o que te deixa feliz" ir no Parque de Diversão (referência ao Hopi Hari localizado em Campinas) e pensei que explorar movimentos que tragam sensações para o corpo inspiradas nas sensações que os brinquedos de um parque de diversão nos dá poderia ser interessante. Também porque eles trouxeram nas aulas muitas posturas invertidas e nas respostas de coisas que gostam apareciam usualmente "comprar no shopping", "lojas", lugares e objetos do mundo contemporâneo, em que o consumismo é incentivado. Pensei que poderíamos criar uma dança inspirada em um parque de diversões através de nossos corpos, ou seja, brincar de "estar nos brinquedos" através do movimento, sem ter que ir ao parque.

Em votação escolheram o tema Parque de Diversão, então na oitava aula levei vídeos de apresentações de dança contemporânea feita por crianças, assistimos e conversamos sobre os vídeos, destacando sobre o tipo de movimentos que faziam, o que compunha a sonoridade da apresentação, o figurino e o cenário. Também assistimos vídeos de vários brinquedos de parque de diversão que giram e exploramos diversas formas de girar.

3.5 Lapidando a criação final

Para Andrade (2016) uma possibilidade interessante para a criação com a infância é que o professor seja um mediador do processo e auxilie as crianças a investigar e criar, contribuindo com ideias e ampliando as perspectivas sobre as composições ou coreografias inventadas por elas. (ALMEIDA; ANDRADE, 2016, p. 17)

A criação final surgiu da investigação sobre a movimentação e interesse dos alunos. Como restavam poucos encontros, não conseguimos seguir com a ideia de escolher brinquedos de parque de diversões para investigar a movimentação no corpo e a partir disso criar a composição para apresentação. Depois da décima aula, na qual nos focamos no estudo dos brinquedos que giram, reli todos os diários de aula - os registros que eu fiz de cada encontro, também os registros que tinha das crianças por escrito e em desenhos. A partir disso elaborei uma ideia de composição

para a apresentação que chamei de "Gire como souber", inspirada no gosto das crianças pela brincadeira "Dance se souber".

(...) A partir das necessidades que os pequenos apresentam, o professor organiza quais aspectos do tema escolhido será aprofundado. Nele, se articula o que se pretende, porque e como trabalhar a dança a partir de uma temática advinda da curiosidade das crianças. (ALMEIDA; ANDRADE, 2016,p.22)

Miller e Lazlo (2016, p.163) nomeiam a função do professor como provocador no processo criativo em diálogo com os alunos, comparando a uma função similar dos diretores e coreógrafos em processos colaborativos. "Ou seja, todos os envolvidos são criadores e propositores, e existe uma figura que provoca, acolhe e direciona essa ebulição criativa".

Me sentindo nessa função de provocação e pensando que precisava exercer uma capacidade de síntese do que tínhamos vivenciado até então, selecionei sete movimentos relacionados com o girar que foram trabalhados ao longo das aulas, a maioria trazidos como resultados de investigação pelas crianças: Rolamento - "Rola salsicha", cambalhota - "rola costas", girar olhando para baixo, girar olhando para cima, estrela, girar em duplas e girar em grupo formando uma ciranda." Selecionei também sete trechos de músicas diversas, misturando músicas que eu havia experimentado com as crianças ao longo dos encontros, com músicas que elas haviam trazido como referência ao cantar enquanto faziam os exercícios de experimentação nas aulas.

Na décima aula expliquei minha ideia de composição/brincadeira para a apresentação e elas gostaram. Cada trecho de música correspondia a uma movimentação, porém algumas crianças estavam no processo de aprender alguns dos movimentos, como a cambalhota e a estrela. Então expliquei que a brincadeira era "Gire como souber", sendo que poderíamos achar alternativas de movimentos para aqueles que eram mais difíceis de fazer ou até para todos eles.

Investigamos alternativas para os dois movimentos, porém no caso da estrela elas fizeram uma estrutura compositiva de modo que escolheram duas crianças para fazer a estrela e as outras deitavam em marcações específicas para neste momento ser um desafio - quem fizesse a estrela teria que saltar por cima de quem está deitado.

Coloquei 3 regras nesta brincadeira: cuidar para não se machucar, cuidar para não machucar o colega e usar o espaço preenchendo os locais vazios. No fim da aula conversamos que na próxima já seria a apresentação no pátio para as(os) colegas que estariam por lá esperando o horário de almoço. Nesta aula estavam presentes seis meninas que foram as que se comprometeram a estar na apresentação.

Gostaria de ter trabalhado outras camadas da criação como estudo de figurino, um aprimoramento na parte da sonoridade e também pensarmos e elaborarmos cenário, mas devido ao número reduzido de aulas não conseguimos entrar nessas esferas. Conversamos brevemente sobre o que elas gostariam de vestir para a apresentação e escolheram roupa rosa e preto.

3.6 Apresentação

No último encontro, que foi o décimo primeiro, esteve presente mais uma aluna que não esteve na aula anterior e quis ensaiar para apresentar. Fizemos um breve ensaio retomando as regras da brincadeira/apresentação de ter cuidado com o próprio corpo, com o corpo da colega e ocupar o espaço. Neste dia uma criança do turno da manhã se interessou pela apresentação e pediu para ver o ensaio para caso ela não conseguisse assistir a apresentação no pátio, pois ficaria até as 12h40, conversei com a turma e aceitaram que ela acompanhasse a aula.

Ocorreu que durante o ensaio se divertiram bastante e chamaram a criança que estava assistindo para fazer parte e ela aceitou. Então ensaiaram com a presença dela e logo descemos para apresentar. Eu avisei para que ficassem atentas no espaço, pois não havíamos ensaiado no local da apresentação e também que prestassem mais atenção no momento de se posicionarem na hora da estrela para que houvesse espaço entre elas para as colegas conseguirem saltar.

Percebi que enquanto grupo tiveram muita autonomia em decidir elementos de última hora, como a entrada de mais uma criança que viu o ensaio pela primeira vez. A apresentação foi feita de forma bem descontraída e divertida, as crianças que assistiram ficaram envolvidas e contagiadas, uma dupla de amigos foi para um canto e dançaram entre eles.

No movimento da estrela houve uma certa confusão na posição de quem ficava deitado, o que atrapalhou a execução do movimento das estrelas da forma como combinaram, mas elas conseguiram naquele momento se comunicar e se ajustar para que acontecesse.

Ao terminar a apresentação tivemos tempo de subir, mostrei a gravação e conversamos sobre como foi. Elas disseram que gostaram muito de apresentar e que sentiram que foram muito bem, "arrasaram". Contaram que se incomodaram por conta de algumas crianças que riram de deboche de algumas movimentações e jogaram uma bolinha de papel. Eu lhes dei parabéns porque mesmo assim continuaram em sintonia de grupo.

Observamos na conversa a pequena confusão que ocorreu na organização espacial e falamos como é importante ensaiar no local antes para nos familiarizarmos e poder ter noção do ajuste dos movimentos nos outros espaços que dançamos, também observamos aspectos positivos como várias crianças interessadas na apresentação e como se contagiaram com a dança.

Relembrei para elas que estávamos encerrando este ciclo de oficina e que se tivesse outra oportunidade iríamos continuar e então disseram que gostariam de seguir investigando os movimentos dos outros brinquedos como o balanço e também a gangorra e demonstraram as movimentação que pesquisaram em momentos fora da aula.

Fiquei emocionada com o interesse e dedicação delas pela proposta, percebi que também ficaram tocadas quando perceberam que seria meu último encontro neste ano. Ao final as crianças ficaram comigo até depois do encerramento, nos abraçamos como despedida, tiramos fotos, me ajudaram a organizar o espaço, colocando as mesas de volta nos seus lugares e levando a caixa de som, comportamento que não tinham demonstrado antes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da oficina de dança na Sociedade Pró-Menor Barão Geraldo foi favorecida pelo ambiente acolhedor da instituição, também pela familiaridade que as crianças apresentaram com trabalhos de práticas corporais e disposição ao trabalho em coletivo, devido a experiências prévias que tiveram na instituição. Como desafios principais tive que lidar com a questão do horário, espaço limitado e propício para interrupções e a facilidade de dispersão da turma.

O planejamento inicial não foi totalmente cumprido, de 12 aulas, ocorreram 11, e nem todo o conteúdo foi passado, pois o plano foi mudando conforme cada aula, seguindo o ritmo da turma. Não houve tempo suficiente para aprofundar-se na pesquisa sobre origens, ancestralidade e localidade onde vivem, pois a ideia seria fazer este estudo para usar como referência na criação final.

Durante o processo as crianças apresentaram como maiores dificuldades a ocupação do espaço de modo a respeitar o espaço pessoal de cada uma e concentração nas atividades. Pequenos logros que ocorreram ao longo dos encontros me pareceram grandes avanços, como sentar em círculo para conversar, momentos de silêncio e escuta coletiva e as crianças conseguirem assistir a apresentação de movimentos umas das outras. A turma foi se consolidando enquanto grupo, pedindo e trazendo exercícios e brincadeiras e se auto regulando na atenção e dedicação durante a aula.

Foi primordial as sugestões da professora Valéria Franco de Almeida (2023) dadas em entrevista para o processo de despertar criativo e crítico dos alunos: perceber a necessidade das crianças, conhecer o contexto delas, saber administrar o caos, construir um ambiente seguro, fazer combinados com as crianças, trabalhar a autonomia e respeito com o outro para saberem o momento de ouvir e falar.

Segundo Miller e Lazlo (2016, p.163) “Viver um processo de criação conjunto, que dá espaço para a criação do aluno, é um forte fomentador de autonomia”. Desenvolver a autonomia em sala se reflete na cena no momento da apresentação e também na vida. Apoiar-se na pedagogia crítica, me fez levar uma proposta de

apresentação baseada no processo de ensino e aprendizagem das crianças, observando seus corpos e interesses.

A apresentação aconteceu de forma bem descontraída e divertida no pátio da Instituição para as(os) colegas delas que ficaram concentradas na dança e algumas se contagiaram querendo dançar também. As crianças que apresentaram demonstraram que desfrutaram da experiência, gostaram do resultado e ficaram interessadas em continuar o processo criativo em outra oportunidade.

Em minha experiência na infância e adolescência de aluna em escolas de balé que faziam apresentações no final do ano, me lembro de sentir-me pressionada a não errar, com medo e um misto de ansiedade e angústia. Assim foi desta forma que conduzi o processo criativo com as turmas para as quais eu dava aula em meu primeiro trabalho como professora aos 16 anos, seguindo um modo autoritário e impositivo.

A realização desta pesquisa foi também um processo de cura da minha criança interior um tanto traumatizada com essas vivências anteriores e uma forma de mostrar para a professora que estou me tornando outros caminhos de ensino da dança que partem de um viés não mecanicista e automatizado do ensino, escutando e respeitando os alunos. Fazer das crianças protagonistas do ensino e aprendizagem e co-criadoras das apresentações em que participam é reconhecer e desenvolver suas capacidades criativas enquanto seres produtores de cultura.

Acredito que ensinar dança a partir de um viés somático em que o movimento não é meramente reproduzido, mas investigado em cada corpo é uma forma subversiva de ensino no sentido de desafiar padrões normativos codificados sobre o que é dança. Enquanto educadora desejo que minhas aulas ofereçam aos alunos possibilidades de expressão, autoconhecimento e estabelecimento de relações consigo, com o outro, com o mundo com viés de despertar autonomia e criticidade.

Escolher esta abordagem para o ensino de dança não é o caminho mais fácil, porque vai contra o que vem sendo estabelecido por gerações, fruto de uma educação bancária, tecnicista, que preza pela transferência de conhecimento (FREIRE, 1987, p.38). É um processo de aprendizagem que se dá na prática, sendo que a professora deve estar aberta a aprender com cada aluno e a transformar o

modo de ensinar a partir deste encontro. Finalizo esta escrita com uma citação de Xabriabá (2020) que desde que a li durante a graduação em dança sempre me trouxe muita inspiração.

Subverter requer colocar corpo e mente em ação, e isto provoca deslocamento. Portanto, não há alternativa senão a de começar e fazer. Mas como começar? É preciso começar fazendo por algum lugar, e a única pista que eu daria nesse sentido é: aprenda a se descalçar dos sapatos usados para percorrer caminhos e acessar conhecimentos teóricos produzidos no centro. Deixe os pés tocarem o chão no território. Seus sapatos se tornarão pequenos e não caberão nos pés coletivos, eles apertarão tanto nossas mentes que limitarão o acesso ao conhecimento no território do corpo. (XABRIABÁ, 2020)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernanda.S; ANDRADE, Carolina R. Dançar com a criança: um olhar para a composição e criação em dança com a pequena infância. **Revista Científica/FAP** (Curitiba. Online), v. 15, p. 10-30, 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.33871/19805071.2016.15.2.1110>>. Acesso em 19 nov 2023.

ALMEIDA, Valéria F. Trajetória de uma aventura artística. In: **Seminários de Dança - 1, 2, 3 e já! A criança pinta, borda e dança**, Instituto Festival de Dança de Joinville e Jussara Xavier, Joinville, 11^a ed, 2018, p. 132-154. Disponível em <<http://www.ifdj.com.br/repositorio/seminarios/Livro-11-1-2-3-e-ja-a-crianca-pinta-borda-e-danca-pdf>>. Acesso em 16 abr 2023.

ALMEIDA, Valéria F. **Entrevista concedida a Camila de Felício Santos**. Campinas, 16 ago. 2023. [Entrevista encontra-se transcrita e no anexo desta monografia]

CAVALCANTI, Raquel P. Em busca de uma pedagogia crítica em dança: reflexões, problematizações e possíveis caminhos. In: **XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2018. VI Congresso Internacional da Federação de Arte/Educadores**, Brasília, 2018. p. 1380-1394. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44716/2/Em%20busca%20de%20uma%20pedagogia%20cr%C3%ADtica%20em%20dan%C3%A7a.pdf>>. Acesso 16 nov 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da Dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

MILLER, Jussara; LASZLO, Cora M. A Sala e a Cena: a importância pedagógica de processos criativos em dança e educação somática. In: **Cadernos do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade**, Salvador, BA: UFBA/PPGAC, nº36, 2016, p. 150-167. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/article/view/35506>>. Acesso em 19 nov 2023.

PRADO, Patrícia D. Performance, educação e primeira infância: “vamos juntas a cruzar la plaza corriendo sin miedo?”. In: X Reunião Científica ABRACE, 2019,

Campinas/SP. **Anais X Reunião Científica Abrace**. Campinas/SP: Anais ABRACE, 2019. v. 20. p. 1-16.

ROSA, Yuri N. M; LOURENÇO, Robson. Arte e cultura periféricas por meio do ensino da dança: o confronto através de metodologias decoloniais em um contexto de vulnerabilidade social. São Paulo: **Repositório Universitário da Ânima**, 2022. Disponível em <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/29891>>. Acesso em 19 nov 2023.

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. **Faculdade de Educação UFPel: Cadernos De Educação**, nº 21, 2003. Disponível em <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6119>>. Acesso em 18 nov 2023.

SOCIEDADE PRÓ-MENOR BARÃO GERALDO. **Site**. Disponível em <<https://promenorbaraogeraldo.org.br/sobre/>>. Acesso em 19 nov 2023.

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz. Belo Horizonte: Piseagrama**, n. 14, p. 110-117, jul. 2020. Disponível em <<https://piseagrama.org/artigos/amansar-o-giz/>>. Acesso em 19 nov 2023.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALÉRIA FRANCO DE ALMEIDA

Entrevistadora: Camila de Felício Santos.

Entrevistada: Valéria Franco de Almeida.

Data: 23 de agosto de 2023.

Local: Espaço Tugudum - Campinas -SP.

Modo: Presencial com gravação das vozes.

[Camila] Faz quanto tempo que você dá aula para crianças?

[Valéria] Comecei dar aula para crianças com 15 anos, sabe, essa coisa de aluna de academia que faz aula de balé, é dedicada, então começa como assistente de turma, depois recebe uma turma para dar aula com orientação de uma professora mais velha. Eu estudei na escola da Janice Vieira e Denilton Gomes, antes eu fiz com a Marly Monteiro no Clube, depois com 10, 11 anos, fui para a escola da Janice e depois com a Regina Claro. Quando comecei a dar aulas já era a escola da Regina, que fazia um trabalho muito bacana, no viés da dança moderna. Tinha aulas de balé, dança moderna com referencial de Laban, sapateado, capoeira, jazz, tinha muitas modalidades. Comecei lá mesmo dando aulas de balé para crianças e depois assumi uma escola em Tatuí e dava aula para todas as turmas, montava apresentação e festival. Então quando abriu o curso da Unicamp eu parei de dar aulas lá para vir para Campinas estudar, em 1987. No final da faculdade eu peguei algumas aulas em lugares diversos e quando terminei o curso fui dar aulas no Conservatório Carlos Gomes, para crianças pequenas, numa unidade que abriram em Barão Geraldo.

[Valéria] Eu sempre gostei de trabalhar com crianças, em Tatuí tinha turma de todas as idades, mas a partir de 5 anos. Tive experiência com crianças menores de 3, 4 anos e bebês no Instituto Jacarandá, quando me interessei por pesquisar o que

seria uma atividade de dança para crianças menores por volta de 2010/2011. Sempre gostei de estar e trabalhar com crianças. Quando fui trabalhar no Carlos Gomes me interessei muito por pesquisar sobre o que é brincadeira. Pesquisei livros sobre registros de brincadeiras, fui lembrando as músicas de quando eu era criança, do que eu brincava, perguntei para minha mãe sobre essas memórias da infância e também observei as crianças, o que elas brincavam, se eram as mesmas brincadeiras que eu brincava ou outras e busquei trazer as brincadeiras para sala de aula. Fui percebendo que a brincadeira para criança coloca ela num estado de inteireza, de estar em relação com um objeto ou com o outro, num jogo.

[Camila] E desde que você começou a dar aulas para crianças já estava conectando o ensino com a criação em dança?

[Valéria] Não. Comecei dando aula bem tradicional de balé, fazíamos apresentação, momentos de improviso, no sentido mais de experimentação do que de criação. Isso surgiu depois da universidade, quando comecei a pesquisar brincadeiras, elementos que poderia trazer de brincadeira para dentro da sala e que pudesse se transformar em um trabalho criativo delas. As crianças ainda não estão dentro de uma caixinha, não tem pudores e travas como os adultos, então em um estado de brincadeira elas se experimentam e aparecem coisas incríveis. Foi nesse momento que percebi que poderia direcionar as brincadeiras para processos criativos. Sempre falo que nesse aspecto é uma troca da criatividade delas comigo como artista. Sempre me alimentou como artista estar nesse ambiente com as crianças, tudo o que oferecem para você é de uma generosidade, de uma criatividade incrível e não olhar para isso é um desperdício. Mas no começo as ideias que as crianças traziam eu encaixava na coreografia. Comecei assim, experimentando trazer coisas delas para dentro. Hoje é diferente, é uma troca, um vai e volta. Fui construindo ao longo dos anos esses processos de troca com as crianças.

[Camila] Faz quanto tempo que você trabalha a dimensão da criação com as crianças?

[Valéria] Quando trabalhei no Carlos Gomes criei uma peça com as crianças a partir de um livro que falava sobre o meio ambiente, contava uma história com dança, tinha algumas frases no meio, mas o foco era a dança, tinha uma cena das ondas do mar em que as crianças eram as ondas e rolavam no chão, lembro que fiquei muito emocionada com essa apresentação e tinha muitas ideias delas junto com o conteúdo que eu estava trabalhando em aulas, como o rolar no chão que é um exercício básico da dança contemporânea, né, você aprende a usar o chão. Nessa época não chegava ao nível de protagonismo que chegamos na apresentação do ano passado, mas já tinha muito das crianças no processo criativo. Eu levei uma estrutura mais fechada que era o roteiro, o livro, contei a história, perguntei se gostavam ou não, sempre tive diálogo e escuta com as crianças nos processos criativos. Quando eu comecei as aulas no Tugudum os trabalhos criativos com as crianças passaram a ter mais protagonismo delas.

[Camila] Ano passado teve uma dimensão a mais sobre protagonismo infantil diferente dos outros anos?

[Valéria] Sim, ano passado quis dar foco mesmo para que as crianças realmente fossem protagonistas do espetáculo. Porque eu nunca tinha montado um espetáculo inteiro, antes eram coreografias curtinhas. Teve um ano que falamos sobre meio ambiente, lixo, cada ano tinha um tema mas nunca uma história pronta, eu fazia um roteiro para começar sempre com as crianças pequenas e terminar com os adultos, por conta da questão da ansiedade das crianças para elas não ficarem esperando muito, para não cansarem. Se trazemos as crianças para uma apresentação artística temos que respeitar os ritmos delas e também a duração não era longa.

[Valéria] Ano passado eu senti que a turma estava preparada para criar um espetáculo, porque já estavam comigo há 4 anos e eles quiseram isso, construir um espetáculo com começo, meio e fim, partindo das ideias deles.

[Camila] Você acha que é importante antes da criação os alunos terem uma experiência prévia em dança?

[Valéria] Eu acho que elas têm mais repertório de movimento, mas não acho que não seria possível fazer isso com crianças sem experiência prévia. Depende da faixa etária, com as pequenas, de 4 anos, acho difícil, por não terem maturidade neurológica para estarem muito tempo em uma atividade, mas as maiores de 6 anos para cima acho que seria possível. Também varia muito de grupo para grupo, tem que sentir, se tem vontade. Tem algumas crianças que são tímidas, não gostam, e que ao longo do processo podem ir se soltando. Acho que é muito importante criar um ambiente seguro para elas poderem se expressar e experimentar. Você tem que criar um vínculo afetivo com as crianças e mostrar que é um ambiente seguro, onde elas não vão ser criticadas, onde tem respeito entre as crianças, e leva um tempo para você conseguir esse lugar e é a partir disso que acho ser possível fazer um processo criativo.

[Camila] Como acontece o engajamento das crianças nas aulas e no processo criativo e quais as ferramentas e procedimentos que você utiliza?

[Valéria] Acho que começa quando você chega para dar aula, é muito importante perceber em que estado os alunos estão, mais agitados, tranquilos, aborrecidos, e convido para entrar para sala de aula, às vezes preparo uma aula que vejo que não vai rolar pelo estado que estão, então vejo como posso substituir o que pensei trazendo os mesmos conteúdos de outra forma. É muito importante perceber quais são as necessidades das crianças, porque elas se sentem respeitadas. É interessante olhar para crianças de verdade, não com um olhar de ser menos, mas colocando ela no lugar de criança que está amadurecendo, entender quais são as capacidades que já conquistou e quais estão na fase de aprender. Muitos aprendizados dependem da capacidade neurológica, como exemplo, o entendimento de direita e esquerda pode variar de cada criança, não acho que é um aprendizado que tem que ser imposto, tem que ir introduzindo para as crianças quando elas já tiverem capacidade neurológica para aprender isso. Começo a falar sobre direita e

esquerda com crianças de 8 a 9 anos, porque antes pode ter crianças que não estão prontas para isso. Começo falando sobre lados, um lado, outro lado, e não é um problema se vão para direita ou para a esquerda. Quando sinto que o grupo já está preparado introduzo esta noção de direita e esquerda.

[Camila] Você pode falar um pouco sobre o método que utiliza no ensino?

[Valéria] O método de ensino que uso, criado por mim, é o Diálogo Corpóreo: Pura Potência do Corpo Sujeito, que antes era nomeado como Dança Integral: Pura Potência do Corpo Sujeito. Diálogo Corpóreo porque é o corpo com ele mesmo, ele com o mundo, diálogo com o professor, com os amigos, com o ambiente, mas primeiro um diálogo interno, de auto experimentação e auto exploração.

[Camila] Percebo que sua história, sua investigação com o brincar te levou a criar este método, que une a questão da importância do brincar, da experimentação do corpo, de deixar a pessoa descobrir seu corpo e investigar e criar seus movimentos.

[Valéria] Sim. falando sobre o brincar, percebi que era uma linguagem própria das crianças que facilitava a comunicação com os adultos. Então como eu queria diálogo entre as crianças percebi que o brincar era uma ferramenta que facilitava isso. Acho que é importante o brincar porque o ser humano é um ser brincante, ele nasce brincando com os pés, com as mãozinhas, com os olhos para descobrir o mundo. Criar um espetáculo parte do brincar, com temas, com coisas, com objetos, o brincar é investigar o mundo, para descobrir o mundo. Hoje vejo uma conexão muito grande entre o brincar da criança e o brincar na criação de espetáculos. Eu trago esse conceito, quando vamos criar um espetáculo novo da Cia Tugudum, a gente brinca, experimentando, criando conhecimento sobre um objeto de investigação e vai criando um mundo do espetáculo.

[Valéria] O brincar entra como ferramenta criativa e fui entendendo que vai muito além da esfera de facilitar o diálogo com as crianças.

[Camila] Você vê outras ferramentas no processo criativo que te ajuda com as crianças?

[Valéria] A gente vai aprendendo também com o processo. Isso do certo e do errado, para mim não tem na dança, não gosto de deixar formatado, prefiro deixar aberto, acho esse um eixo muito importante, mostrar os movimentos, como por exemplo, o sapo. Pergunto para as crianças como o sapo pula, não mostro como faço, e vou instigando formas diferentes do sapo pular, com joelhos abertos, apoiando as mãos no chão, é um processo, as crianças vão repetindo em cada aula, depois cada um faz seu sapo para as crianças irem aprendendo umas com as outras. Os corpos são diferentes, cada uma faz do seu jeito e experimentar livremente é importante, sentir se o tempo foi suficiente, ir instigando novas possibilidades, e nessa experimentação dar noções sobre alinhamento para não se machucarem. Depois ter esse momento de troca, onde umas observam as outras para verem como cada uma faz seu movimento. Falo para os adultos também, que não tem certo e errado, tem a sua investigação, como seu corpo dança. Importante experimentar sem medo de errar.

[Camila] Sobre o protagonismo infantil na criação você pode falar um pouco de onde parte, como é o processo?

[Valéria] É sobre isso que estava falando, quando falamos vamos fazer o sapo e cada um faz o seu sapo, a criança já está sendo protagonista do seu aprendizado, eu não chego e mostro como tem que ser feito, mas instigo o corpo dela fazer e como o corpo dela consegue fazer o meu sapo também. Ela pode experimentar o dela, o do amigo, e vai construindo esse conhecimento, esse caminho. Isso é uma parte. Outra parte é quando as crianças chegam e dão uma ideia de brincadeira então trago perguntas para o grupo, para conseguirmos fazer uma brincadeira como querem, mas com adaptação para a dança.

[Camila] Ano passado na turma que acompanhei no estágio, de onde partiu o processo criativo?

[Valéria] Eu perguntei para elas se gostariam de montar um espetáculo inteiro só com elas em cena e ficaram super empolgadas. Depois pensamos em como conduzir o processo trazendo ideias. Começaram a trazer muitas brincadeiras então sugeri de montarmos um espetáculo com brincadeiras. Como a cena do detetive que foi a partir da brincadeira do detetive que elas trouxeram e fomos transformando para a cena. Teve algo muito interessante que foi o diálogo a partir do movimento. Não tínhamos experimentado isso ainda, percebi que já estava na hora de aprenderem sobre composição instantânea e para chegar nesse lugar, elas precisaram aprender primeiro o diálogo corporal entre elas. No início propomos diálogo a partir de verbos-ações, foi interessante o processo como se apropriaram disso. No início eram muito literais, muitos gestos e depois foi abrindo para outras movimentações, indo para esferas mais abstratas. As crianças têm isso de primeiro precisar de referências concretas para depois irem para o abstrato.

[Camila] E no processo você trouxe para elas referências do Teatro, de Luz e Figurino ?

[Valéria] Sim, elas já tinham referências de apresentações que fizeram em outros anos, a gente sempre ensaiava com luz, como temos essa possibilidade de ter iluminação cênica no espaço, sempre que possível ensaiamos com luz, então elas já tinham essa noção sobre iluminação, então já trouxeram essa vivência que lhes deram uma noção de como estar em cena.

[Camila] E o figurino como foi ?

[Valéria] Foi escolha delas. Perguntei o que achavam que seria legal para o figurino e fui anotando as ideias e no fim houve votação. A escolha foi que cada um estaria com uma calça de uma cor e uma camiseta branca. Porque o chão e o fundo eram preto e pensaram em algo que pudesse ter destaque. Pensaram também no modelo da camisa e da calça. Ficou muito interessante, por ser algo simples e forte. Algumas cenas surgiram de brincadeiras e zoações das crianças com objetos.

[Camila] Sobre a partilha, depois que apresentaram se reuniram para conversar sobre?

[Valéria] Sim, eu gravei e coloquei depois no telão para assistirem. Algumas ficaram decepcionadas, porque achavam que aquilo que as pessoas estavam assistindo não era condizente com aquilo que elas esperavam. Tinha uma expectativa sobre o que o público estava vendo. Sinto que foram muito exigentes. Então depois da apresentação teve um pouco de insatisfação, de olhar para o resultado de uma forma bem exigente.

[Valéria] Se a turma tivesse continuado com as aulas sinto que iriam gostar de retomar o trabalho para transformar as partes que não atingiram suas expectativas. O apresentar alimenta o processo criativo e as aulas.

[Camila] Para finalizar, tem uma questão que estou pensando na minha pesquisa, é que quero propor nas aulas uma dimensão da consciência individual de investigação do próprio corpo, investigação coletiva no contato com o outro e também uma consciência territorial de onde estamos e o que construímos no aqui e agora. Percebo muito nas suas aulas e também é uma questão chave para mim trabalhar a autonomia e fico pensando se além da autonomia teria outras camadas para trabalhar no sentido de despertar esse engajamento do ser no mundo.

[Valéria] Eu penso que quando você trabalha neste lugar, existe um estado de ser um corpo político, trabalhando micropolíticas, então elas aprendem a negociar entre elas, porque às vezes uma criança traz uma ideia, mas nem todos querem fazer, então você aprende a mediar a conversa entre elas, se não querem fazer uma proposta trazida por um colega pode ser necessário conversar com elas, quando você trazer sua ideia você gostaria que as pessoas fizesse não é? Então é um aprendizado, o quanto eu compro a ideia do outro e o quanto eu quero que as pessoas comprem minha ideia. Mesmo em cena há uma negociação espacial. Também você tem que lidar com a ansiedade, porque não é florzinha o tempo inteiro. Existe também o caos, o caos você tem que aprender administrar e deixar

que ele aconteça por um momento é importante, não temos que ignorar, mas tem que saber mediar, ter que estar aberto e disposto para isso.

[Valéria] Além da autonomia acho importante respeito com o outro, saber ouvir, falar, dar espaço e abrir para esse entendimento, como a gente negocia, tem que ter respeito pelo outro. Também para o professor conhecer um pouco a história de cada um é importante saber o contexto em que vive, porque aí você olha diferente para cada criança, não coloca eles no mesmo lugar, e pode conseguir entender melhor o comportamento de cada criança e saber lidar com isso.

[Valéria] Então acho que tem que olhar para cada criança dentro do contexto dela, mesmo para saber quais referências trazer e como lidar com o interesse delas.